

Para além da mistificação: o capital como relação social e seu contraditório processo de (re)produção*

*Beyond mystification: capital as a social relationship
and its contradictory process of (re)production*

Marilda Villela Iamamoto** 

Resenha do livro *Capítulo VI (inédito): manuscritos de 1863-1867, O capital, livro I*, de Karl Marx [Inclui Enquete Operária – Tradução: Ronaldo Vielmi Fortes; Organização e apresentação de Ricardo Antunes e Murilo van der Laan].

Essa primeira publicação do *Capítulo VI (inédito)* de Marx¹ com primorosa tradução direta do alemão, extraída das obras completas de Marx e Engels (Mega), merece ser saudada². Ela nos brinda ainda, como apêndice, com a *Enquete operária de 1880*, de autoria de Marx, originalmente em inglês, e uma cronologia de Marx e Engels³.

Esse é um *livro fascinante, denso, de extraordinária capacidade de síntese, que retoma, elucida e avança temas tratados em O capital* (MARX, 2014). Esta afirmativa, que não é consensual, está apoiada em décadas de estudo desse manuscrito e em comentaristas de reconhecida autoridade. Mandel (1998) assume que a publicação de

1 Segundo Aricó (1971, p. 7), em junho de 1863, Marx conclui um original de 23 cadernos de 1474 páginas intitulado: *Contribuição à Crítica da economia política*. É deste original que Engels irá extrair o livro II de *O capital*, e também do qual Kautsky, mais tarde, organiza a primeira versão das *Teorias da mais-valia*. Enquanto Marx reelabora esse material para publicação do livro I, desenvolve paralelamente o livro III.

2 Esta saudação é dirigida à Editora Boitempo pelo 31º volume da coleção Marx e Engels, aos organizadores Ricardo Antunes e Murilo van der Laan, a Leda Paulani, autora do texto das orelhas do livro, e a Ronaldo Vielmi Fortes, pela esclarecedora tradução.

3 Para uma biografia exaustiva de Marx, ver Netto (2020).

RESENHA

<https://doi.org/10.12957/rep.2023.78955>

*Com a grafia de (re)produção das relações sociais pretende-se indicar o processo de produção e de reprodução das relações sociais.

**Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Doutora em Ciências Sociais (PUC-SP) com pós-doutorado em Serviço Social na mesma universidade. Professora titular aposentada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando no quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, pesquisadora e bolsista do CNPq, nível 1 e autora de vários livros e artigos científicos nas áreas de Serviço Social e Ciências Sociais. E-mail: mviamoto@uol.com.br.

Como citar: IAMAMOTO, M. V. Para além da mistificação: o capital como relação social e seu contraditório processo de (re)produção. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 53, p. 244-252, set./dez. 2023. Resenha da obra: MARX, K. *Capítulo VI (inédito): manuscritos de 1863-1867, O capital, livro I*. Trad. Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2023.78955>

Recebido em 20 de julho de 2023.

Aprovado para publicação em 28 de julho de 2023.



© 2023 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

dois textos importantes – os *Gründrisse e o Capítulo VI* – contribuiu ao avanço do conhecimento de *O capital*. Hobsbawm (1983) destaca-o dentre os escritos inéditos. Dussel (1990) aprofunda seu estudo, Lefebvre (1973) escreve um livro nele inspirado e Napoleoni (1981) registra um curso sobre o tema na forma de livro.

O *Capítulo VI* faz o trânsito do livro I de *O capital* (MARX, 2014) ao livro II (MARX, 2017a), dedicado à circulação do capital. E ele constrói efetivas pontes com o livro III (MARX, 2017b), voltado ao movimento global da acumulação capitalista, em que a mistificação das relações sociais é objeto de destaque na seção VII: *O rendimento e suas fontes* (MARX, 2017b, p. 877-894). O manuscrito em questão também resume temas do último livro de *O capital* (livro IV)⁴, voltado à abordagem histórico-crítica das teorias sobre o mais-valor, em particular o debate sobre trabalho produtivo e improdutivo no *Capítulo IV* (MARX, 1980, p. 137-281).

Sendo parte da massa dos escritos preparatórios à redação de *O capital*, o *Capítulo VI (inédito)* veio tardiamente a público, em 1933, em edição bilingue, em alemão e russo. Mas esse manuscrito ganha difusão a partir de 1967, com a edição francesa organizada por Maximilien Rubel⁵, ainda fragmentada, e logo ampliada em *Karl Marx, Oeuvres*. Somente em 1976 é traduzido ao inglês, conforme informa Hobsbawm (1983, p. 434).

O *Capítulo VI (inédito)* abrange três dimensões: 1) *Mercadoria como produto do capital*; 2) *A produção capitalista é produção de mais-valor*; 3) *A produção capitalista é produção e reprodução de toda a relação social por meio da qual o processo de produção imediato se caracteriza como especificamente capitalista*.

Duas observações preliminares contribuem à análise do texto. *A primeira* é a questão de procedência hegeliana do “pressuposto-resultado”, como sugere Dussel (1990, p. 40)⁶, presente nos textos de Marx e transversal a esse manuscrito. *O resultado é também o fundamento do pressuposto*. A mercadoria é um *pressuposto histórico e lógico do capital*. Na forma mercantil do comércio dos séculos XV e XVI, a mercadoria antecede historicamente o capital; é também *pressuposto lógico, porque o dinheiro já é uma mercadoria*. Mas a mercadoria, *pressuposto do capital, é diferente da mercadoria resultado do capital*.

4 “El texto fundamental de las teorías de la plusvalía figura en los cuadernos VI al XV y el XVIII, escrito en enero de 1862 a enero de 1863”, conforme o prólogo do Instituto Marx e Engels, de Moscou, em Marx (1980, p. 11).

5 Publicada em *Economies et Sociétés*, Paris, n. 6, jun. 1967.

6 “El fin o término del proceso que Hegel denominaba técnicamente Resultado, es su propia identidad como fundamento o *esencia*, el ‘presupuesto’ de sus desarrollos posteriores: desarrollos fenoménicos. El último desarrollo del fenómeno es ya el ‘poner-se’ de la esencia antes (vor: antes; setsen: ponerse) de sus futuros desarrollos. Es la cuestión del círculo – o de la espiral – tan presente en Hegel, como en Marx”. (DUSSEL, 1990, p. 40).

A mercadoria, como *forma elementar da riqueza burguesa*, foi o nosso ponto de partida, o pressuposto para o surgimento do capital. No entanto, as mercadorias aparecem agora como *produto do capital* [...]. Contudo, a troca desenvolvida de mercadorias e a *forma de mercadoria* como *forma social necessária e geral do próprio produto* são resultados somente do modo de produção capitalista. (MARX, 2022, p. 19 – grifos nossos?).

Aqui se mostra a *historicidade das categorias econômicas*. Aquelas pertencentes a épocas anteriores adquirem no modo de produção capitalista um *caráter histórico especificamente distinto*. A mercadoria individual tem um valor de troca e uma grandeza dadas, fundada na produção independente isolada e na troca de equivalentes. Já a mercadoria como produto e resultado imediato do processo de produção capitalista *supera a base da produção de mercadorias*. *A troca de capital e força de trabalho torna-se formal*. *A mercadoria torna-se a forma geral dos produtos e a alienação do produto a forma necessária de sua apropriação*. Ela se mostra de modo tangível na produção em larga escala, na unilateralidade e no caráter massivo do produto que deve realizar-se como valor de troca, isto é, ser trocado por dinheiro, não apenas como necessidade de subsistência do produtor, mas como *exigência de continuidade e renovação do processo de produção*. O suposto é uma divisão de trabalho plenamente desenvolvida na sociedade e no interior do processo produtivo. Todos os meios de trabalho produzidos, além de servirem como valores de uso no processo de produção, funcionam agora, ao mesmo tempo, como elementos do *processo de valorização*. As mercadorias *resultado do capital* contêm trabalho pago e não pago, já são capital valorizado.

A segunda observação é a afirmação do capital como relação social: relação entre classes (sujeitos de classes) e não entre coisas materiais. O autor contrapõe-se ao duplo erro dos economistas, 1) considerar as formas elementares do capital – mercadoria e dinheiro – enquanto tais como capital; 2) considerar o modo de existência do capital como *valor de uso* (meios de trabalho) enquanto tal como capital, redundando *na mistificação do capital*. Esta é uma chamada da maior relevância e como alerta aos estudos sobre o trabalho na cena contemporânea tendentes a privilegiar o processo técnico-material de produção em detrimento do processo de valorização, como se fossem uma dualidade e não dimensões indissociáveis de uma mesma unidade (MARX, 2014, p. 273).

A produção capitalista de mais-valor é a parte mais importante do livro. Marx aprofunda o debate *sobre processo de produção imediato* – aqui destacado – distinguindo como *dimensões de uma mesma unidade* o *processo técnico-material de produção do produto* (processo de trabalho voltado a produção de valores de uso) e o *processo formal de produção do valor e mais-valor objetivado no produto*, isto é, o processo de formação de valor e de valorização. Salienta também o *processo histórico de subsunção formal e real do trabalho ao capital*. *A subsunção formal* não envolve alteração tecnoló-

gica do processo de trabalho pré-existente, sendo típica da manufatura. Tem-se, sim, a coerção ao mais-trabalho de um número maior de trabalhadores simultaneamente empregados sob direção e supervisão do capital, voltada à obtenção do mais-valor absoluto, mediante o prolongamento da duração jornada de trabalho para além do tempo de trabalho socialmente necessário. No processo real de produção revolucionado pela indústria no modo de produção propriamente capitalista tem-se a *subsunção real do trabalho ao capital* e a prevalência do mais-valor relativo, sendo essas formas subsunções *mutuamente coexistentes* na expansão capitalista. Outro tema desafiador se refere ao *trabalho improdutivo e ao trabalho produtivo de mais-valor*. Este requer uma relação de troca da força de trabalho com o dinheiro como capital e sua inserção no processo de produção enquanto parte do trabalhador coletivo, sendo o processo de trabalho *meio* do processo de valorização. O resultado da objetivação do mais-trabalho é o mais-valor, *produto específico do processo de produção capitalista*: seu produto não é apenas a mercadoria, mas o capital. Já o trabalho improdutivo de mais-valor é *aquela em que a força de trabalho é trocada por dinheiro como renda – e não por capital –, sendo indiferente o conteúdo determinando do trabalho, sua utilidade específica ou o valor de uso em que se corporifica*. A *mistificação do capital* como relação social é objeto de análise no texto, aqui privilegiada.

No *Capítulo VI* consta uma elucidativa análise do *processo de produção capitalista de mercadorias, enquanto unidade do processo de produção e de circulação*. A transformação de soma de dinheiro adiantada em força de trabalho e meios de produção é *um ato de circulação, pressuposto necessário do processo de produção considerado na sua continuidade*. A função “autêntica” e “específica” do capital é a produção de mais-valor, ou “produção de mais-trabalho”, ou “trabalho não pago no processo real de produção”, “que se apresenta e se objetiva como mais-valor” (MARX, 2022, p. 49).

O processo de produção é unidade *imediata* de processo de trabalho e processo de valorização, assim como seu resultado imediato, a mercadoria, é uma unidade *imediata* de valor de uso e valor de troca. No entanto, o processo de trabalho é *meio* do processo de valorização e o processo de valorização como tal é essencialmente a *produção de mais-valor*, isto é, *processo de objetivação de trabalho não remunerado*. Isso determina de maneira específica o caráter global do processo de produção. (MARX, 2022, p. 62 – grifos no original).

Os *valores de uso*, quando inscritos no processo imediato de produção, adquirem *novas determinações formais, essenciais à relação econômica*: devem ser *meios de produção objetivos de produção* (matérias-primas e meios de trabalho) e condição subjetiva de produção, a *capacidade ou força de trabalho*. Os meios de produção são *potencialmente capital*: são *realmente capital* à medida que funcionem como tal, a partir de sua combinação com

capacidade viva de trabalho com uma especificidade determinada, correspondente ao particular valor de uso dos meios de produção que os transforme em produtos. Enquanto na mercadoria o valor de uso é um objeto dado, com propriedades determinadas, é agora “transformação de coisas”.

Uma vez que o trabalho vivo – no interior do processo de produção – já está incorporado ao capital, todas as *forças produtivas sociais do trabalho* se apresentam como *forças produtivas*, como propriedade inerente ao capital, assim como no dinheiro o caráter geral do trabalho, na medida em que cria valor, aparece como uma propriedade de uma coisa. (MARX, 2022, p. 121 – grifos no original).

O fundamento da *mistificação do capital*, o fetichismo dos economistas políticos, está na forma útil (meios de produção materiais) que o capital tem que assumir no processo imediato de produção, revestindo o mesmo valor de uso que circulava como mercadoria. Mas com a parte *variável* do capital ocorre algo distinto: o dinheiro é a forma modificada dos meios de subsistência do trabalhador existentes no mercado, e ele só se transforma em capital variável quando é trocado por capacidade de trabalho, como elemento criador de valor, adquirindo uma grandeza variável: *tem-se a valorização como processo*. “Quando a capacidade viva se incorpora às partes objetivas do capital, este se torna um monstro animado, e começa a trabalhar como ‘se o amor no corpo houvesse’” (MARX, 2022, p. 78), parafraseando o *Fausto*, de Goethe.

A parte do capital despendida em salário aparece formalmente como pertencente ao trabalhador – e não mais ao capitalista –, tão logo assume a forma de meios de subsistência. Ela é substituída, no interior da produção, pela atividade da força de trabalho criadora. O *trabalho vivo preserva o valor do capital variável reproduzindo-o e cria um incremento de valor – um mais-valor – mediante a objetivação no produto de um quantum de trabalho excedente, acima do salário* (MARX, 2022). O trabalho vivo como esforço, dispêndio de energia vital, é função pessoal do trabalhador, realização de suas capacidades produtivas em movimento. Mas como formador de valor, é um modo de existência do valor-capital: *força de preservação de valor e criação de valor novo*, que aparece como processo de autovvalorização do capital e empobrecimento do trabalhador. Este, ao criar o valor, o cria como valor que *lhe é estranho*.

O trabalho *pertence* ao capitalista e as condições materiais para realização do trabalho – *meios de produção e meios de subsistência – estão estranhadas pelo próprio trabalhador e aparecem como “fetiches dotados de vontade e alma próprias”*: *as mercadorias figuram como compradoras de pessoas. As mercadorias se contrapõem aos trabalhadores como potências autônomas, como propriedade de uma coisa, obscurecendo a relação social de produção que o capital expressa*. Então o domínio do capitalista sobre os trabalhadores

é o *domínio das condições de trabalho sobre o trabalhador* (meios de produção e meios de subsistência), que se tornam autônomas frente a ele, o que só se realiza no processo de produção (MARX, 2022, p. 60 – grifos nossos).

No processo de trabalho, o trabalhador consome os meios de produção como matéria de seu trabalho, transformando-os num produto, num valor de uso; já *no processo de valorização* os meios de produção são propriedade do capitalista e, como capital, confrontam o trabalho vivo do trabalhador, ou seja, sua própria exteriorização de vida. O trabalho vivo é *meio* do processo de valorização de valores já existentes. No processo real de produção, no processo de criação de mais-valor, o domínio do capitalista é o domínio das condições de trabalho sobre os trabalhadores – condições essas que não lhe pertencem. Na circulação, os trabalhadores e o capitalista se enfrentam como iguais proprietários de mercadorias equivalentes

Como esforço, como dispêndio de energia vital, o trabalho é a atividade pessoal do trabalhador. Mas como *formador de valor*, como incorporado no *processo de sua objetivação*, o trabalho do trabalhador, tão logo entra no processo de produção, é ele mesmo *um modo de existência do valor-capital*, incorporado nele. Essa força de *preservação do valor e de criação de novo valor*, é por isso, a força do capital, e esse processo aparece como o processo de sua *autovalorização* e, também, como processo de empobrecimento do trabalhador que, ao criar valor, o cria *como valor que lhe é estranho (fremden)*. (MARX, 2022, p. 59 – grifos no original).

Tem-se, pois, *a reprodução da relação social alienada*: o capitalista é a *personificação do capital* e exerce as funções do capital com consciência e vontade. O trabalhador é trabalho personificado que lhe pertence como esforço, mas que pertence ao capitalista como substância criadora e acrescentadora de riqueza. Portanto, a dominação do capitalista sobre o trabalhador é dominação da coisa sobre o homem e é *resultado do processo de produção*. O trabalhador é *vítima* desse processo e *rebelde*.

A produção capitalista não é apenas reprodução da relação, é sua reprodução em cada escala cada vez maior, e, na mesma medida em que a força produtiva social do trabalho se desenvolve com o modo de produção capitalista e na mesma medida em que aumenta a riqueza que se ergue diante do trabalho *como riqueza que o domina*, como *capital*, um mundo da riqueza se expande como um mundo estranho a ele e que o domina e na mesma proporção se desenvolve por oposição sua pobreza sua indignação e sua dependência subjetiva. Seu *esvaziamento* e essa *abundância* se correspondem, dão o mesmo passo. Ao mesmo tempo aumenta a massa desses meios vivos de produção do capital, o *proletariado* trabalhador.

O *crescimento do capital e o aumento do proletariado* aparecem, portanto, como produtos relacionados, embora polarizados, do mesmo processo. (MARX, 2022, p. 130 – grifos no original).

O resultado do processo de produção imediato é a reprodução das condições objetivas do processo de produção e seu caráter social: as relações sociais e a posição dos agentes entre si, isto é, as relações de produção. O produto é a reprodução contraditória de relações entre classes sociais distintas entre si, que se complementam, se negam e se recriam mutuamente; o aprofundamento das desigualdades e a recriação da consciência alienada que facilita essa reprodução.

Aricó, na apresentação desta obra (MARX, 1977, p. 10-11), incorpora a provocação do tradutor italiano Bruno Maffi sobre o caráter politicamente comprometedor desse manuscrito em fina sintonia com *O manifesto comunista*, de 1848. Reafirma que o modo de produção capitalista não é apenas um modo de produção de mercadorias, mas de mais-valor e, portanto, de capital, sendo impossível que se reforme. Está condenado a reproduzir toda a relação em escala ampliada. Ou seja,

o conjunto das relações históricas e sociais de uma sociedade que condena aos homens à criação de bens que lhe são cada vez mais alheios. Esta sociedade deve ser abolida pelas forças que engendraram suas contradições internas. Marx, nos resultados do processo de produção imediato, demonstra como surgem dentro do próprio capitalismo essas forças sociais destinadas a sepultá-lo (MARX *apud* ARICÓ, 1977, p. 11).

O processo de acumulação impulsiona novas forças produtivas sociais do trabalho nas condições de produção e nas relações de circulação por ela desenvolvidas em oposição ao trabalhador: uma revolução econômica total. E, *contraditoriamente, cria*

as condições reais de um novo modo de produção, que abole a forma antagônica do modo de produção capitalista e, portanto, cria a base material de um processo de vida social com uma nova configuração e, com isso, uma nova formação social. (MARX, 2022, p. 133 – grifos no original).

Como salienta o texto, essa é uma concepção essencialmente distinta dos economistas burgueses que registram *como* ocorre a produção no interior da relação capitalista,

mas não como essa relação é produzida e ao mesmo tempo produz nela as condições materiais de sua dissolução, com o que se suprime sua *justificativa histórica* enquanto *forma necessária* de desenvolvimento econômico da produção de riqueza social. (MARX, 2022, p. 133 – grifos nossos).

O texto revela tanto as condições objetivas do processo de produção, quanto seu caráter *especificamente social*: como são produzidas/reproduzidas as relações sociais, a posição dos agentes da produção entre si e, simultaneamente, *como se produzem, no seu seio, as condições materiais de sua dissolução*. Destarte, anula a justificativa histórica do

capital como forma necessária de produção da riqueza social, que tende a ser naturalizada. O resultado do processo de produção imediato é a produção e reprodução das relações sociais e as bases materiais de sua dissolução no horizonte da história enquanto criação coletiva.

Referências

ARICÓ, J. Presentación. In: MARX, K. *El capital, libro I. Capítulo VI (inédito)*. Resultados del proceso inmediato de producción. Trad. Pedro Scaron. Mexico: Siglo XXI, 1977.

DANGEVILLE, R. *Un chapitre inédit du Capital*. Présentation. Paris: Union Générale D'Editions 10/18, 1971.

DUSSEL, E. El resultado del proceso del capital. El Capítulo 6 inédito (1883-1884). Folios 441 a 495 de los manuscritos perdidos del libro I, escrito de julio de 1863 a junio de 1864. In: DUSSEL, E. *El último Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana*. Un comentario a la tercera y a la cuarta redacción de El capital. México: Siglo XXI, 1990.

HOBSBAWM, E. J. A fortuna das edições de Marx e Engels. In: HOBSBAWM, E. J. (Org.). *História do marxismo*. Vol. 1. O marxismo no tempo de Marx. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Nemésio Sales. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LEFEBVRE, H. *A re-produção das relações sociais de produção*. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

MANDEL, E. Apéndice. El Capítulo VI: resultados del proceso inmediato de producción. In: MANDEL, E. *El capital*. Cien años de controversias en torno de la obra de Karl Marx. 2ª ed. México: Siglo XXI, 1998, p.85-90.

MARX, K. *Un chapitre inédit du capital*. Trad. Roger Dangeville. Paris: Unión Générale D'Editions, 10/18, 1971.

MARX, K. *El capital*. Libro I, Capítulo VI (inédito). Resultados del proceso inmediato de producción. 14 ed. Trad. Pedro Scaron. México: Siglo XXI, 1977.

MARX, K. *O capital*. Livro I, Capítulo VI (inédito). São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1978.

MARX, K. *Teorías sobre la plusvalía*. Vol. I, tomo IV de El capital. México: Fondo de Cultura Económica, 1980.

MARX, K. *El capital: crítica de la economía política*. Libro tercero. El proceso global de reproducción del capital. México: Siglo XXI, 1985.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro II. O processo de circulação do capital. São Paulo: Boitempo, 2017a.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro III. O processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017b.

MARX, K. *Capítulo VI (inédito): manuscritos de 1863-1867*, O capital, livro I. Trad. Ronaldo Vielmi Fortes. São Paulo: Boitempo, 2022.

NAPOLEONI, C. *Lições sobre o capítulo inédito de Marx*. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1981.

NETTO, J. P. *Karl Marx: uma biografia*. São Paulo: Boitempo, 2020.